



O DISCURSO DA EDUCAÇÃO COMO NEGÓCIO: ANÁLISE DE UM EPISÓDIO DO PROGRAMA *MUNDO S/A*

Marlei Rose RenzettiTartoni (UFMG)¹

DOI 10.26512/discursos.v3i2.2018/20816

Data de submissão: 15 agosto de 2018
Data de aceite: 10 de novembro de 2018

Resumo: Este artigo pretende estabelecer conexões entre conceitos da Análise Crítica do Discurso e da Análise do Discurso de tradição francesa, de modo a demonstrar as confluências conceituais que culminam em uma análise textual, social e histórica de textos produzidos na atualidade. Serão apresentadas análises do material linguístico fornecido por interações dialógicas entre agentes em um programa da televisão fechada, mostrando que as escolhas lexicais e a forma como são apresentados dados numéricos podem indicar relações de poder consolidadas pelo capitalismo, dentro do âmbito da formação educacional que se faz necessária hoje e no futuro. Também tentou-se entender as instaurações do sujeito nas formações discursivas e sua relação com o outro, com o espectador, neste caso, mostrando como o discurso é marcado por essa alteridade, mas, também, como ele acaba por (tentar) construir o real compartilhado pelas partes envolvidas.

Palavras-chave: Discurso. Gênero. Real. Sujeito.

Abstract: This article intends to establish connections between concepts of Critical Discourse Analysis and Discourse Analysis of French tradition, in order to demonstrate the conceptual confluences that culminate in a textual, social and historical analysis of texts produced in the present time. Some linguistic material, provided by dialogical interactions between agents on a paid television program will be analyzed, showing that lexical choices and the way numerical data are presented can indicate power relations consolidated by capitalism within the scope of educational training that is necessary today and in the future, without ceasing to treat, briefly, the characteristics that this genre carries. It was also tried to understand the instaurations of the subject in the discursive formations and their relationship with the other, with the viewer, in this case, showing how the discourse is marked by this otherness, but also, as it ends up (trying to) construct the real shared by the parties involved.

Keywords: Discourse. Genre. Real. Subject.

Resumen: Este artículo pretende establecer conexiones entre conceptos del Análisis Crítico del Discurso y del Análisis del Discurso de tradición francesa, para demostrar las confluencias conceptuales, que culminan en un análisis textual, social e histórico de textos producidos en la actualidad. Se presentarán análisis del material lingüístico proporcionado por interacciones dialógicas entre agentes en un programa de televisión cerrada, mostrando que las elecciones léxicas y la forma como se presentan datos numéricos pueden indicar relaciones de poder consolidadas por el capitalismo, dentro del ámbito de la formación educativa que se hace necesaria hoy y en el futuro, sin dejar de tratar, de forma sucinta, de las características que ese género carga. También se intentó entender las instauraciones del sujeto en las formaciones discursivas y su relación con el otro, con el espectador, en este caso, mostrando cómo el discurso está marcado por esa alteridad, pero también, como él acaba por (intentar) construir el real compartido por las partes implicadas.

Palabras clave: Discurso. Gênero. Real. Sujeto

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais; doutoranda do programa de pós-graduação pela mesma universidade; pesquisadora na área de tecnologias aplicadas ao ensino e multimodalidades, letramentos e gêneros.

Introdução

Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica Latim em pó
O que quer, o que pode essa língua?
(Caetano Veloso²)

A canção *Língua*, de Caetano Veloso, faz referência ao latim, base de nossa tão rica língua portuguesa, referindo-se àquela língua antiga como se, em algum momento, muito provavelmente devido às transformações pelas quais ela foi passando, estivesse em pó. Os sentidos dessa comparação podem ser variados, de acordo com os movimentos dialógicos que venham a ser feitos, por aqueles que escutam essa canção e amparam suas elucubrações nos conceitos que lhes são familiares. Seria aquele o pó da terra, constitutivo do barro, que forma, que molda, que produz? Seria o pó que restou após um processo de moagem, de desagregação, de destruição? Ou seria uma substância que se dissolve em água, harmoniza-se e, então, fazendo-se maleável e podendo manar, desprendida, escorrega por espaços nos quais o pó ficaria estagnado? A interpretação, especialmente de uma letra de música, pode levar por caminhos que, talvez, nem mesmo o compositor tenha imaginado.

Por conformidade, outros textos produzidos por falantes do português ganham os seus campos de influência por um processo que não é aleatório. Todavia, estão sujeitos àqueles de recepção enquadrados por diversos fatores, que estão em trânsito continuamente, dentro das associações humanas, que se fazem múltiplas e se apropriam de informação de formas variadas. De fato, os meios de comunicação em massa, produtores de textos que são, servem-se de estratégias para captar o interesse de seus públicos, especialmente, na sociedade atual, caracterizada pela velocidade de espalhamento de informação. Percebe-se que programas especiais de televisão continuam se consolidando como produções específicas para públicos cada vez mais setORIZADOS, muito provavelmente, no intuito de controlar, de alguma forma, a leitura e a interpretação que aquele público elabora frente aos dados apresentados. Em suma, é interessante analisar o que querem e o que podem fazer os discursos presentes em programas desse tipo.

² Trecho da canção *Língua*, parte do disco *Vel*, gravado em 1984, pela Polygram, objeto de uma reflexão linguística em <http://notaterapia.com.br/2016/01/21/a-cancao-lingua-de-caetano-veloso-um-minucioso-tratado-da-lingua-portuguesa/>.

Nesse viés, este artigo vai propor uma análise dos discursos de um episódio do programa Mundo S/A, exibido em 16/10/2017, disponível no canal YouTube e no *site* oficial do GNT, canal de televisão fechada. A saber, o nome desse episódio é *Os Novos Caminhos da Educação* e, conforme foi dito anteriormente, foi assistido, a princípio, sem a premeditação da análise dos seus discursos, por integrante de um público que se preocupa com o futuro da educação. Não obstante, algumas assertivas que os discursos do programa fazem sinalizaram possibilidades de análise, reforçadas pela agregação dos nomes do programa e do episódio: o primeiro remetendo à expansão mundial de negócios com o uso da sigla S/A e o segundo sinalizando com mudanças, com novidades, com transformações. Portanto, a partir desse ponto, a análise mais detalhada do programa considerou as seguintes questões, a verificar:

1. de que forma os números e fatos mencionados contribuem para uma mercantilização do ensino;
2. quais recursos linguísticos são usados para enfatizar os modelos propostos pelo programa, criando o real da forma como faz e valendo-se da alteridade, de certa forma virtual, de quem assistiria ao programa;
3. como o gênero programa de televisão/vídeo determina algumas das escolhas discursivas utilizadas.

Isso posto, este trabalho pretende empregar os conceitos de autores, tanto da Análise de Discurso Crítica (ADC) quanto da Análise de Discurso francesa, para que a construção do ponto de vista aqui defendido obtenha eco vindo da bibliografia escolhida, que será revisada na próxima seção.

Referencial Teórico

Na gênese desta argumentação teórica, é importante trazer Fairclough (2001), uma vez que esse autor orienta uma análise de discurso que não pode prescindir de uma síntese entre quais reflexões o estudioso da língua pode tecer ante a natureza social da linguagem, levando-se em conta as verificações tradicionais do texto em si (p. 32). Para ele, o reforço desse conceito começa pelo método, que se compõe dos teores sociais e teóricos, uma vez que o discurso é uma forma de prática social, refletindo um modo de ação historicamente situado (p. 32 e 33). Isso equivale a dizer que se faz necessária uma investigação linguística e contextual dos discursos analisados, que traga à tona particularidades sobre o uso dos recursos textuais carregados de efeitos que o contexto social permite ou determina, enquadrados pela moldura que a história foi

provendo, incluindo “maneiras de representar a realidade, a manifestação de identidades e as relações de poder do mundo contemporâneo” (MEURER, 2005, p. 81).

Fairclough esclarece, portanto, que o uso da linguagem constitui os movimentos dialéticos, mas é simultaneamente constitutivo de “identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crenças” (2001, p. 33), ou seja, usa-se a linguagem para transformar o meio pela produção de textos, mas usa-se o texto para perpetuar as características que definem certo meio de interação social. Esse engenho de ações depende de suas circunstâncias sociais, e Fairclough adianta que elas podem ser “geradas dentro de relações de poder amplamente estáveis e rígidas ou flexíveis e abertas” (2001, p. 33). Certamente, essas relações de poder permeiam a sociedade mundial, formando-as e sendo formadas por elas.

Conforme visto, a linguagem é, então, utilizada em instâncias sócio-históricas das mais diversas naturezas. Fairclough, nesse horizonte, garante que “as sociedades e as instituições e os domínios particulares dentro delas mantêm uma variedade de práticas discursivas coexistentes, contrastantes e frequentemente competitivas”, que figurariam como diferentes discursos (p. 33). Esses diferentes discursos acontecem em eventos discursivos, em forma de textos escritos ou falados, produzidos, distribuídos e consumidos em práticas discursivas. Estas, por sua vez, são firmemente associadas às atividades particulares sociais humanas. Apresentam certos padrões compartilhados pelos usuários participantes dessas práticas (p. 33-39). Nomeando-se esse uso da linguagem particular e socialmente estruturado, chega-se ao conceito de gênero.

De fato, gêneros são tipos convencionais de discurso que existem colocados sob os eventos discursivos, são convenções conceituadas dentro das ordens de discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 34). As ordens de discurso vão sendo tecidas pelos gêneros, que são os usos da linguagem associados a tipos particulares de atividade socialmente ratificados, e pelos discursos, que, por sua vez, são modos de significar áreas de experiência desde uma perspectiva particular, um contexto determinado (MEURER, 2005, p. 82). A análise pragmática, por assim dizer, das formas dos textos, incluindo aí as estruturas que determinam a que gênero eles pertencem, fornece dados relevantes, em se buscando especificidades em suas camadas de composição, nas suas organizações dialógicas e até mesmo nas “relações coesivas entre frases e relações entre as orações” (FAIRCLOUGH, 2001, p.36).

Entretanto, mesmo amparados pela composição dos gêneros, o discurso, como prática social mais complexa, permanece afetado por relações que imprimem teores menos explícitos (PÊCHEUX, 2012, p. 21). Essa falta de explicitação e de clareza, se assim essa característica pode ser nomeada, parece, então, contribuir para um dos pontos de confluência entre a ADC, aqui

representada por Fairclough, e a análise do discurso de tradição francesa, representada por Pêcheux.

Na retomada das ideias que ora se entrecruzam, é oportuno lembrar que é prática dessas análises a identificação de elementos textuais que concernem à instauração de gêneros discursivos dentro de diversas ordens de discurso. Uma vez que diversos recursos linguísticos são colocados à disposição do falante e são por ele escolhidos, cumpre observar os papéis exercidos por esses discursos, na medida em que muitos desses papéis são escusos.

Fairclough (2001, p. 35) esclarece que a ADC explora “sistematicamente relações frequentemente opacas de causalidade e determinação entre práticas discursivas, eventos e textos e estruturas sociais e culturais, relações e processos mais amplos” (p.35). Em outras palavras, a ADC procura investigar traços e pistas que possam vir a “deixar mais visíveis as relações entre linguagem e outras práticas sociais, muitas vezes naturalizadas e opacas, (...) não percebidas pelos indivíduos (MEURER, 2005, p. 82).

Ainda mais, Fairclough (2001, p. 35) estabelece que “investigar como essas práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas” pode significar “explorar como a opacidade dessas relações entre o discurso e a sociedade assegura o poder e a hegemonia”. A partir daí, os gêneros discursivos, por serem socialmente estabelecidos, parecem requerer a articulação de diferentes modos de conhecimentos e de crenças, de identidades e de relações sociais nas formas de produção, de distribuição e de consumo de textos (MEURER, 2005, p. 104).

A obscuridade do discurso é fato recorrente também na obra de Pêcheux (2012). Esse autor entende também que a linguagem é tecida por instâncias discursivas, descrevendo acontecimentos. No entanto, ele afirma que a sobredeterminação do acontecimento sublinha, marca sua equivocidade, sua ambiguidade, seu caráter duvidoso (PÊCHEUX, 2012, p. 22). Na análise discursiva, há um espaço de trabalho intrigante que passa pela noção de que, como Pêcheux (2012, p. 53) expõe, “toda sequência de enunciados é (...) linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”. Isso equivale a dizer que, dependendo das escolhas lexicais feitas, o discurso será interpretado de acordo com uma multiplicidade de formas, e vai, portanto, tornando-se opaco, ambíguo.

A opacidade das interpretações discursivas direciona ao sentido do que se constitui como real dentro dos diversos eventos discursivos. Pêcheux (2012) afirma que o real existe dentro do universo físico-humano, mas que ele não é descoberto de forma descomplicada: ele nasce da interdependência do universo físico em relação ao discurso que estiver sendo feito dele, que é

diferente de outro discurso, arranjados aí pontos de encontro com esse real; os agentes do discurso deparando-se com ele (p. 29). Nesta instância, há pontos de convergência entre Pêcheux e Fairclough (2001), uma vez que este último indica, em uma retomada que também discorre sobre escolhas lexicais, que há alterações significativas “do que se pode chamar significação-com-referência para significação-sem-referência: na primeira, há uma relação de mão tripla entre os dois “lados” do signo (significante, significado) e um objeto real (evento, propriedade, etc.) no mundo; na última, não há objeto real, apenas a constituição de um “objeto” (significado) do discurso (p.45). Portanto, a constituição do real é fruto, também, das relações com o significado não expressamente construído, ou deixado vago pela opacidade dos discursos.

Nesta análise do real do discurso, é interessante continuar na linha de pensamento de Fairclough (2001, p. 45)), uma vez que o autor declara que há uma “instrumentalização ampla das práticas discursivas, envolvendo a subordinação do sentido a um efeito instrumental, bem como a manipulação do sentido visando a esse efeito”. Essa instrumentalização remete ao uso de alguma coisa visando a um fim que não está nessa coisa, ou seja, a linguagem é usada muito mais no sentido do que pode se conseguir com ela do que propriamente pela mensagem clara que ela encerra. Para esse autor, “o discurso nas sociedades modernas caracteriza-se por ter o papel distintivo e mais importante na constituição e reprodução das relações de poder e identidades sociais que essa pode querer” (p.40).

Então, o discurso utilizado na manutenção do poder econômico da sociedade moderna pode ter o papel opaco da instrumentalização da linguagem, que pode ter sido buscada pela necessidade universal de categorizar-se, de forma lógica, normatizada, os conhecimentos a gerir, as “coisas-a-saber”, estruturados em algo real, administrável, transmissível (PÊCHEUX, 2012, p. 35). O que esta linha de pensamento elabora é que, de forma geral, a materialização dos discursos em gêneros construídos e interpretados por seres, social e historicamente situados, apresenta nuances de contornos bastante fluidos quanto ao que é dito, como o conteúdo é colocado e qual representação do real emerge das interpretações que são feitas.

Paveau (2008) escreve, quando lê e interpreta Lacan (1958-1959), que a concepção do real segundo este autor é tida “como aquilo sobre o que finalmente o desejo se constrói” (p. 23). Aquela autora compreende que essa conceitualização também é comum à psicanálise, à linguística e à filosofia dos anos 1960, sobre as quais este artigo não pretende discorrer mais profundamente, mas é interessante entender que, como a autora pontua, o “real da língua, o real da história, o real do inconsciente, são os impossíveis sobre os quais se constroem e se dizem a língua, a história e o inconsciente.” (p. 25). Ela mostra como o real pode estar impossivelmente retratado e pode se esgueirar pelas interpretações de quem produz e de quem consome textos

falados ou escritos, por mais que esses atores compartilhem símbolos linguísticos e o discurso seja formado por eles.

Pêcheux (2012) trata exatamente dessa problemática quando suas premissas dialogam com certas bases do estruturalismo, cujas abordagens ocupavam-se de descrever “os arranjos textuais discursivos” no seu emaranhado (daí a possibilidade da sua obscuridade) material (p. 44). Ele postula que possa haver um paradoxo quanto à sobrecolocação da produção de interpretações em proveito das descrições daqueles arranjos, mas o próprio intrincado destes contribui para a opacidade do discurso, de forma que daí se apresente a dificuldade das interpretações, o que quer dizer que, tanto a produção do discurso, quanto suas recepção e interpretação estão inseridas em um “fundo duplo da fala” (PÊCHEUX, 2012, p. 45).

Se há pelo menos uma duplicidade nas palavras que compõem a fala, há papéis exercidos pelo sujeito e pela alteridade que participa da recepção do texto, dentro dos eventos discursivos. Paveau (2008, p. 20) cita Lacan (1957-1958), (p. 18) dizendo “o discurso será sempre definido por Lacan como uma produção que escapa ao sujeito”, em um redemoinho das palavras, em que o discurso realizado por certo sujeito diz mais do que ele disse, em uma espécie de armadilha para o locutor” (p. 20).

Ainda com Lacan, Paveau trata da transformação da concepção de sujeito, que é efeito da linguagem e não está em posição de unidade (2008, p. 17). São conceitos que podem, sim, ser confirmados em certas enunciações, mas, quando o analista do discurso analisa a produção linguística, verifica que certos sujeitos carregam um significado mais contundente para os efeitos que o evento discursivo quer trazer. Certamente, a existência do outro evidencia, como diz Paveau, o pensamento voltado para o que é externo, e o materialismo da linguagem existe como um pensamento de alguma forma fendido, existindo apenas que há o outro” (p. 25). Ela segue, atestando que a alteridade fundamental do materialismo é trazida à tona até pelos linguistas discursivistas contemporâneos, “que relacionam o real da língua e o inconsciente do discurso”.

Metodologia

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é, em si mesma, uma metodologia de pesquisa. Portanto, com base na revisão da bibliografia escolhida, as falas, materializadas em momentos de apresentação de conteúdo e nas entrevistas, foram transcritas, assim como foram reproduzidas as partes escritas, projetadas na tela do vídeo. Essa transcrição resultou em frases que foram agrupadas da seguinte forma:

1. frases que trazem números citados e não são recuperados na sequência do programa, ou são parcialmente recuperados, e que não podem ser entendidos pelo público leigo;
2. frases que trazem números relativizados dentro do contexto parcial do programa ou que podem ser entendidos pelo público leigo;
3. frases que não trazem quaisquer números, mas evidenciam contradição importante dentro da temática do programa.

Na sequência, a análise será mostrada. Em alguns momentos, uma parte da teoria ainda será resgatada para confirmação de pontos cruciais.

A análise

O gênero programa de televisão é diversificado, multifacetado e, normalmente, dinâmico. O programa Mundo S/A tem a duração de pouco mais de 24 minutos. No caso específico do episódio analisado, trouxe entrevistas na maior parte desse tempo, normalmente realizadas no local de trabalho do entrevistado, conduzidas pela apresentadora e por outros colaboradores. O programa é apresentado por Maria Prata, mas, em muitos momentos, as entrevistas e a apresentação são realizadas por alguns de seus colaboradores, que não foram identificados aqui para otimização dos trabalhos. Além das entrevistas, na maior parte do programa, caracterizadas pelo texto oral, houve a colocação, na tela, de alguns dados e nomes que também foram considerados para a análise.

Começando com o grupo 1, das frases que apresentam números que não foram recuperados ou foram parcialmente recuperados ao longo do programa e que não podem ser entendidos facilmente pelo público leigo:

– Maria Prata: “vou abrir o programa com um daqueles dados assustadores que **a gente** adora: segundo alguns analistas, **60 % das profissões que serão exercidas em 2019** ainda nem existem. Isso, claro, por causa de todas as inovações que inúmeros mercados estão passando, impactados pela tecnologia e pelos avanços digitais”.

A apresentadora começa com o dêitico “a gente”, que parece desassujeitar a afirmação, uma vez que não é clara a referência sobre quem adora os dados que ela vai apresentar. Não se sabe se quem adora a informação é o programa, os agentes do programa, os espectadores ou

toda a sociedade. O percentual citado é vazio, porque o programa retoma muito parcialmente esse dado, quando, ao entrevistar Leandro Tera, o primeiro empresário, que cria cursos curtos, ela cita algumas profissões, especialmente ligadas à tecnologia.

Na sequência, Maria Prata lista muitos números, que não são relativizados, comparados com outras atividades e não compreensíveis por parte de leigos. Apesar disso, muitas das frases trazem sujeitos explícitos. De novo, o dêitico “a gente” não consegue conferir credibilidade à afirmação, pois ele deve estar se referindo a todos, àqueles que produzem e àqueles que consomem a informação, mas esses números acabam gerando uma dualidade que envolve a tentativa de quantificação da realidade e a opacidade de seus significados.

– Maria Prata: “hoje **a gente** vai entender como é que **as instituições de ensino** ‘tão se modificando ou nascendo para atender essas novas necessidades do **mercado da educação, que vale mais de 5 trilhões de dólares globalmente**”.

– Maria Prata: **só 36 por cento das empresas** acredita que as pessoas que estão graduadas estão aptas a exercer um papel no mercado”.

– Maria Prata: “o **mercado da chamada educação tecnológica** deve **valer mais de 250 bilhões de dólares até 2020 globalmente**”.

– Maria Prata: “conheça **este centro de cursos curtos** que ensina novas habilidades digitais e **espera faturar 1,5 milhão de reais em 2016**”.

A próxima fala, apesar de parecer trazer números que podem ser entendidos pelo público leigo, não relativiza as informações dadas e não indica que estudantes gostam de ir à escola, se são os da escola pública ou os da educação geral no Brasil:

– Lucia Dellagnelo, diretora-presidente CIEB: “**85 por cento dos estudantes brasileiros**, por exemplo, estão em escolas públicas, as escolas privadas têm mais agilidade de comprar e incorporar essas tecnologias. Agora, tem uma pesquisa muito interessante com **123 mil jovens feita no Brasil** perguntando o que eles acham da escola e a maioria dos jovens disse que gosta de ir para a escola – eu não acho que mesmo com toda a tecnologia disponível a gente vai substituir as escolas e as universidades físicas com o ensino totalmente *online* – vai ser sempre uma mescla, um ensino híbrido”.

A fala seguinte relativiza parcialmente os dados fornecidos, mas não traz informação relevante para que o público leigo entenda porque o ensino aqui é pior, se um valor maior é

investido. O que mais chama a atenção aqui é que o Ministério da Educação é chamado a dar alguma explicação, a qual traz o contraste mais contundente encontrado na condução do programa, que será explicitado quando da indicação da fala da secretária de educação.

– Maria Prata: **mais de 5% do PIB brasileiro é investido em educação**. O número *tá* acima da média dos países mais desenvolvidos do mundo, mas infelizmente, isso não significa um ensino de maior qualidade por aqui. A gente foi entender como o Ministério da Educação *tá* se adaptando a esse novo momento”.

Para aplicar um pouco mais da teoria visitada neste primeiro grupo, a recorrência é a Fairclough (2001), que cita Foucault (1979), quando este discorre sobre como o *biopoder* moderno está nas tecnologias e técnicas de poder, que estão encaixadas dentro das práticas mundanas das instituições sociais, e a escola é um exemplo delas, e são produtivas de sujeitos sociais (p. 40). Ainda Fairclough (2001) cita Habermas (1984), que evidencia uma colonização progressiva da “vida mundial” pela economia e estado, envolvendo um deslocamento das práticas “comunicativas” pelas práticas “estratégicas”, que incorporam uma racionalidade (moderna) puramente instrumental (p. 41).

Não apenas Fairclough aborda a questão desse poder da vida mundial talhada pela economia. Pecheaux (2012, p. 19) reforça que a noção que ele defende de acontecimento, neste caso representado pela bem-sucedida investida da iniciativa privada nos novos caminhos da educação, é o fato novo, e traz “as cifras em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca, que aparece como ‘global’, remetendo a um conteúdo socioeconômico, ao mesmo tempo transparente e profundamente opaco”.

Claramente, o programa prestigia as habilidades digitais dos profissionais do futuro e sinaliza que esse profissional se forma melhor se recorrer aos cursos que a iniciativa privada está criando, ainda reforçando que o dinheiro do país é malgasto na educação e que a iniciativa privada tem informação, visão e vontade de apresentar saídas, ao passo que a educação, principalmente a pública, continua estagnada, como se o fato de muitos alunos gostarem da escola fosse um fator a mais que ainda a impedisse de mudar mais rapidamente.

No grupo 2, foram colocadas as frases que trazem números que foram relativizados dentro do contexto parcial do programa ou podem ser entendidos pelo público leigo. Seriam:

- Leandro Tera, empresário: “uma análise feita no Reino Unido revelou que mais de 68 bilhões de euros (R\$ 267 BILHÕES) deixaram de ser gerados por essa falta de competência digitais no mercado”.
- Leandro Tera: “Eles avaliaram 64 países pra medir quanto que profissionais que se graduam estão preparados para atuar no mercado. O Brasil é o país que tem a terceira pior percepção por parte dos empregadores (36% EMPRESAS) só 36% das empresas acreditam que as pessoas que estão graduadas estão aptas a exercer um papel no mercado”.
- Maria Prata: - “Leandro e o sócio investiram 80 mil reais no negócio, ano passado faturaram 70 mil, além de receber um investimento anjo de 100 mil reais. Em 2017 pretendem faturar 1 milhão e meio. A receita vem do pagamento de mensalidades dos alunos”.
- Leandro Tera: “o perfil dos nossos alunos são alunos que tão num momento de aumentar repertório ou até de fazer uma transição de carreira, então, em geral a gente entra nesse momento, com uma formação que ela tem profundidade, mas ela vai durar 2 meses, não dois anos, e vai custar pelo menos 10 vezes menos que uma pós-graduação”.
- Maria Prata: “Leandro, os cursos da Tera custam aproximadamente 5 mil reais, que é um custo não tão acessível para todo mundo, vocês têm vontade de democratizar o acesso a esse tipo de educação?”.
- Outro apresentador: “No ano que vem a Avenues São Paulo vai abrir as portas, um investimento na sede paulista (150 MILHÕES DE REAIS SÃO PAULO) de 150 milhões de reais, o ano letivo vai custar 108 mil reais por aluno”.
- Outro apresentador: “Le Rosey é a escola dos reis com 420 alunos e 137 anos de tradição. É o mais antigo e mais caro do mundo busca estar sempre à frente do tempo, 417 mil reais de anuidade, a receita passa dos 163 milhões de reais por ano, o colégio garante que reinveste mais de 90 % do valor”.
- Outro apresentador: “o Rodrigo criou... eles ofereciam, por exemplo, cursos de youtuber e de jogos eletrônicos de sucesso, entendendo a importância da programação no futuro de crianças e adolescentes – aqui os cursos têm mensalidades que variam entre 200 e 230 reais, atualmente tem cerca de 3.500 alunos
- Rodrigo – “em 2015 quando ela foi fundada, ela terminou o ano com apenas uma unidade, ano passado, 2016, nós finalizamos o ano com 15 e este ano nós já estamos com 85 unidades e pretendemos finalizar com cerca de 120”.
- Maria Prata: “ensinar programação para as crianças é uma das chaves para formar profissionais mais bem preparados para as profissões do futuro, um

empreendedor de Valinhos, no interior de São Paulo – **ele** investiu **um milhão de reais** e criou uma escola com esse fim. **Ele** hoje **é a terceira maior instituição** de ensino de tecnologia para crianças e adolescentes no mundo”.

– Maria Prata – “vale lembrar que nosso ensino público está longe de ser exemplar, a começar pelos **4 milhões de crianças entre 4 e 17** anos que estão fora da escola segundo o último senso, **a gente**, claro, torce para esse cenário mudar rápido”.

Este grupo de frases contém informações que podem ser entendidas pelo espectador, que tem como comparar números que indicam: o que significa ficar em terceiro lugar num *ranking* de 64 países; o que é passar de 70 mil reais para 1,5 milhão de reais em um ano de trabalho; o que 5 mil reais e as anuidades de milhares de reais significam em seus orçamentos e assim por diante. Dessa forma, o programa consegue mostrar o ótimo negócio que a educação representa no país. Atenção especial ainda precisa ser dada ao uso de sujeitos específicos, como os atores desse cenário, incluindo-se aí a penúltima frase, em que a apresentadora faz uma concordância entre *ele* e *é a terceira maior instituição de ensino de tecnologia para crianças e adolescente no mundo*, o que retrata o quanto pessoal é o sucesso empresarial dos entrevistados pelo programa.

No grupo 3, algumas frases entram pareadas pelo contraste entre elas, crucial para a análise realizada:

– Leandro Tera: “a educação tem que correr atrás da tecnologia só que a dificuldade que existe cada vez mais é que a tecnologia tá avançando muito rápido”.

– Maria Prata: “agora justamente porque **vocês** estão lidando com áreas tão novas, não tem perigo desses cursos que vocês oferecem ficarem rapidamente defasados?”

– Leandro Tera: “sim, que acho que esse é sempre uma preocupação de qualquer instituição de ensino. As formações que **a gente** faz hoje, **a gente** cruza basicamente dados de pesquisas gerais do mercado e analisando tendências de crescimento, tem muito mais gente contratando que profissionais para encher essas posições, essas vagas... a gente tem, dentro do nosso *loadmap*, até o final do ano, lançar versões *online*, de ensino à distância, e aí **a gente** vai conseguir reduzir um pouco esse valor”.

– Teresa Cozetti Pontual – diretora Secretaria de Educação Básica do MEC: “a tecnologia tem um grande papel porque a gente fala muito hoje em dia da personalização da educação, como é que a **gente** pode melhorar, sair desse ensino tradicional, lousa, quadro negro, o professor lá na frente, os alunos cada

um olhando um pra nuca do outro. Espero que cada vez mais os governos consigam se abrir para que essas experiências aconteçam, mas desde que sejam feitas de forma muito responsável, ou seja, com avaliação, pra **gente** conseguir estudar e saber de fato o que funciona e o que não funciona e investir só naquilo que funciona realmente”.

– Uma avó de aluno de programação: “eu acredito que... exatas, humanas... é inevitável o seu confronto com a tecnologia ... ele tá aprendendo programação, que mais tarde ele pode usar profissionalmente”.

Neste grupo, é notória a diferença bem pontuada quando são colocadas as falas dos empresários, a fala da avó do aluno em contraposição à fala da diretora da Secretaria de Educação Básica. Os primeiros estão convencidos da necessidade de mudança na educação, especialmente, incorporando a tecnologia no meio educacional. Eles mostram como estão se antecipando aos próximos movimentos do mercado, em contrapartida muito pronunciada à fala ponderada da diretora, que acredita que mudanças têm de ser feitas, mas de forma responsável, investindo no que funciona realmente. Leandro Tera é específico: diz que já está estudando o mercado e já quer crescer mais.

Talvez esse contraste tenha sido usado para que a justificativa da falta de mudança nas escolas públicas esteja pautada em um excesso de questionamento sobre o que deve ser feito efetivamente, ao passo que iniciativa privada já o está fazendo. Interessantemente, o dêitico “a gente” é usado pelo empresário referindo-se à sua equipe. Em contrapartida, o mesmo dêitico é usado pela diretora de forma fluida, assujeitada.

Um ponto interessante foi encontrado em Fairclough, quando ele trata da mercantilização das instituições de educação superior, que vinham “cada vez mais operando (...) como se fossem negócios comuns competindo para vender seus bens de consumo aos consumidores” FC (p. 48) e que teria “havido pressão para os acadêmicos verem os alunos como “clientes” e dedicarem mais energias ao ensino e ao desenvolvimento de métodos de ensino centrados no aprendiz” (2001, p. 47 e 48). Nesta análise, descrita neste artigo, talvez essas premissas pudessem trazer mudanças mais rápidas às escolas públicas do país, citando parte da fala de uma das entrevistadas durante o programa.

Considerações finais

Naturalmente, o programa em questão consolida, com o uso dos números que portam a lucratividade de empresas, a concretização das premissas capitalistas mundiais, presentes nas empresas brasileiras citadas, ao mesmo tempo em que aquelas mesmas premissas nortearam toda a elaboração dos discursos e da forma como eles foram apresentados. O olhar mais crítico que suscitou a análise que se faz neste artigo pode concluir que, apesar de as figuras numéricas atraírem a atenção do público especializado que assiste ao programa, elas não fornecem dimensões comparativas suficientemente consistentes e, seguindo o cunho demonstrativo dos grandes negócios, fornecem tímidas informações sobre os desafios futuros que, segundo números que o próprio programa mostrou, seriam muito maiores para 85% dos estudantes brasileiros, que se encontrariam em escolas públicas. A construção em números pode ser vista como uma aproximação do real, mesmo quando não há referencial para esses números, e, sempre, como a característica de continuidade irrepreensível e inexorável das abordagens de ensino que estão sendo vistas como um negócio.

Quanto às noções de sujeito e de alteridade, o uso de sujeitos explícitos reforça o teor do sucesso dos empreendimentos em muitos casos, e o dêitico “a gente” procura estabelecer uma relação com um espectador universal, considerado um par que reforça a existência do programa em muitos momentos. “A gente”, utilizado em frases importantes que foram analisadas, parece incluir quem faz e quem vê o programa e essa relação dialética é construída com base, tanto na noção de sujeito, quanto de alteridade.

Referências

FAIRCLOUGH, N. Análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

FOUCAULT, M. *Discipline and punish*. Harmondsworth: Penguin, 1979.

HABERMAS, J. *The theory of communicative action*. v. 1. London: Heinemann, 1984.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

PAVEAU, M. A. O redemoinho de palavras: análise do discurso, inconsciente, real, alteridade. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.15, n.22, p.13-32, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca22/arqs/matraca22a01.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PROGRAMA MUNDO S/A: *Os novos desafios da educação*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8xhprBfAhwY&list=PLIBA41MkGyO9GJweCOGgtd4qLvNp4di5E>>. Acesso em: 8 dez. 2017.